

Décima Meditação

IRMÃO CARLOS, MISSIONÁRIO NO DESERTO.

“Gritar o Evangelho com a vida”

“Você pergunta se estaria pronto a ir num lugar diferente de Beni-Abbés para a difusão do Santo Evangelho: sou pronto para isso a ir até os confins do mundo e viver até o juízo final” (Carta a Mons. Guérrin de Beni-Abbés – 27.02.1903).

“Os meus retiros para o diaconato e para o sacerdócio mostraram-me que a vida de Nazaré, que me parecia ser a minha vocação, devo vivê-la não na Terra Santa tão amada, mas entre as almas doentes, as ovelhas mais abandonadas. Este divino Banquete do qual me torno ministro, devo prepará-lo, não para os parentes, não para os vizinhos ricos, mas para os aleijados, cegos e pobres, isto é para as almas às quais faltam os padres” (Carta ao padre Caron – 02.04.1905).

“A tua vocação: pregar o Evangelho em silêncio, como fazia Eu, numa vida escondida como Maria e José” (Anotações – 06.06.1897).

“Sem palavras, em silêncio, vão realizar seus retiros entre aqueles que não Me conhecem: levem-me entre eles, construindo um altar, um tabernáculo, e levando o Evangelho, não o pregando, mas vivendo-o, santificando o mundo; almas piedosas, almas escondidas e silenciosas, como Maria me levou a João” (Retiro a Efreim – 1898).

“Procuremos o ultimo lugar e não só para nós, mas também para todos aqueles que nos cercam, pais, amigos, companheiros” (S.E.E.)

Charles de Foucauld é um homem do deserto, sente uma necessidade enorme de silêncio e solidão, uma saudade irresistível do deserto. Ao mesmo tempo, sente-se continuamente quase arrastado para fora do deserto à força, para ir ao encontro dos irmãos, dos que não conhecem Jesus e entre eles os mais pobres.

Irmão Carlos é um apóstolo contemplativo, um contemplativo missionário, por causa do amor.

A missão nasce no coração do Pai, do seu amor. “A tal ponto Deus amou o mundo de dar o seu filho único, para que todos que nele crêem tenham vida”. Assim é o amor do Pai. Jesus, o filho que o Pai enviou ao mundo por amor, realiza sua missão doando-se totalmente: “não tem prova de amor maior que dar a vida”.

É esta a missão que Jesus confiou aos discípulos na Páscoa, na Cruz e na Ressurreição. Na cruz, com um olhar retrospectivo Jesus exclamou: “Tudo está consumado” (Jo 19,30) que não significa “tudo acabou”, mas “acabei tudo como o Pai queria, realizei plenamente a missão que foi confiada a mim pelo Pai”.

Daqui pra frente a missão será dos discípulos. “Como o Pai me enviou, eu envio vocês; recebam o Espírito Santo”.

Será o Espírito Santo a lembrar tudo que Jesus fez e ensinou e a dar coragem para o testemunho. Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins... Uma missão amorosa que nasceu no coração do Pai, que levou o Filho à doação total, e é condicionada ao amor. “Simão, filho de João, amas-me mais que estes?” - “Apascenta”.

“Você me ama?” Será sempre a grande pergunta que nos é feita por Jesus e pelos pequenos de Jesus (pobres fracos, doentes, excepcionais...).

Não basta trabalhar, organizar as coisas; Jesus e os irmãos nos pedem amor. Irmão Carlos cultivava este amor na solidão, adoração, contemplação. Em 1897 escreve a seu primo Luiz de Foucauld: *“Vim morar em Nazaré... O bom Deus me fez encontrar aqui, o mais perfeitamente possível, aquilo que procurava: pobreza, solidão, abjeção, trabalho humilde, escuridão total, imitação a mais perfeita possível daquela que foi a vida de Nosso Senhor Jesus, nesta mesma Nazaré”*.

Mas já em 07.05.1900, escrevendo ao Pe. Huvelin, refletindo sobre a festa da visitação de Maria a Isabel diz: *“Quando chegar a primavera terão passados 7 anos de quando lhe escrevi de Akbes (da trapa na Síria), o que eu vislumbrava para mim: levar com alguns companheiros a vida da Santa Virgem no mistério da visitação: isto é santificar os povos infiéis dos países de missão, levando a eles silenciosamente, sem pregações, Jesus no Santíssimo Sacramento e a prática das virtudes evangélicas”*.

“A visitação é o amor de Cristo que te empurra (2Cor 5,14) é Jesus que, logo que entrou em você tem sede de tornar santos e felizes os outros”(08.07.1898)

“A festa da visitação se tornará a Festa patronal dos pequenos irmãos e pequenas irmãs do Sagrado Coração de Jesus” (CBA p/43 – 02.07.1904).

“O que a Virgem vai fazer na Visitação não é uma visita à sua prima para consolar-se e edificar-se mutuamente. Maria parte para santificar João, não com as palavras, mas levando silenciosamente Jesus até ele, na sua casa...”

“Assim fazem os religiosos e religiosas contemplativas nos países da missão: vão para evangelizar e santificar os povos infiéis sem palavras, levando Jesus no meio deles em silêncio; levando-o na Santa Eucaristia, levando-o na própria vida, a vida evangélica da qual dão exemplo e da qual são imagens vivas”.(cf. p/471).

Irmão Carlos voltará periodicamente à meditação sobre a visitação, até o último ano de sua vida e sempre para indicá-la como modelo de missão para si e para os futuros irmãos e irmãs. Prolongar invisivelmente o mistério da visitação se tornará a única forma possível de encontro e missão com os muçulmanos e naqueles ambientes onde um anúncio explícito seria impossível ou até negativo.

O importante é ser “grávido” de Jesus e cheio de amor como Maria, ser fermento escondido na massa. Ao Pe. Jerônimo escrevia (07.07.1901) *“Não acredito poder fazer aos muçulmanos um bem maior do que levando a eles, como Maria na visitação na casa de João, Jesus, o sumo bem, o santificador supremo; Jesus que será sempre presente entre eles no Sacrário e, espero, no Ostensório, Jesus que se oferece todo dia sobre o altar para a conversão deles, Jesus que os abençoa todos os dias. Eis o bem maior, nosso tudo, Jesus! Ao mesmo tempo, mesmo calados, daríamos a conhecer aos nossos irmãos ignorantes, não com palavras, mas com o exemplo, e acima de tudo com o amor universal, aquilo que é a nossa fé, aquilo que é o espírito cristão, aquilo que é o Coração de Jesus”*.

Em setembro de 1901, Irmão Carlos se estabelece em Beni Abbés perto da fronteira com o Marrocos, mas, como o Marrocos fica fechado, pensa em ir mais para o Sul (no meio dos Tuareg) e em Janeiro 1905 chega a Tamaurasset onde se estabelece por ser o vilarejo mais pobre e abandonado. Mas estas mudanças lhe causam sempre transtorno e perturbação. *“Sim, toda a mudança, todo movimento me espanta, me dá uma sensação de vertigens,*

de perturbação: tenho medo de errar, tenho medo de não ter as forças” (carta ao Pe. Guerin).

Para poder realizar a missão (e facilitar a missão para futuros missionários) considera fundamental conhecer bem o idioma e a cultura dos Tuareg, que era um povo retirado, marginalizado. Aprende a língua e escreve um dicionário Francês-Tuareg com 2028 páginas.

Recolhe e escreve poesias e provérbios Tuareg (6000 versos) que termina de passar a limpo no dia 28.11.1916.

Traduz o evangelho na língua Tuareg. Mas tem consciência de que não é o saber intelectual que irá converter as pessoas, e escreve: *“Uma alma faz o bem, não na medida de sua sabedoria ou inteligência, mas de sua santidade”*.

Paulo VI na “Evangelii Nunziandi” dirá: “O mundo de hoje acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, e, se acredita nos mestres, é porque também são testemunhas (n.41)”.

No retiro de Ghardaia (1904) Irmão Carlos descreve com simplicidade as atitudes do missionário com o povo: *“Deixar que se aproximem de mim, que falem comigo... ao invés de evitar suas longas conversas, desejá-las, mas, dirigidas sempre para Deus. Não ter medo do contacto com os indígenas, nem de suas roupas e cobertores, etc... não ter medo de suas sujeiras e pulgas”*.

Aos poucos Irmão Carlos reconhece que a maneira melhor, mais acertada de evangelizar, de fazer apostolado é através do encontro pessoal: “tête-a-tête”, e “tu per tu”.

“Para qualquer questão importante, tratar sempre de você para você”.
“Na medida em que se estabelece a amizade, falo sempre, e quase sempre “a tu per tu”, do Bom Deus, brevemente, dando a cada um o que é capaz de carregar” (CFEM p 442).

A maneira de evangelizar do Ir. Carlos nos oferece assim grandes intuições que são também verdadeiros desafios e muito atuais.

1- Ser “grávidos” de Jesus como Maria na visitação, para podê-lo levar aos outros: para tanto é necessário que o evangelizador tenha encontrado pessoalmente Jesus” (1Jo 1,1-4). “O que os nossos olhos viram, o que os nossos ouvidos ouviram, o que as nossas mãos apalparam... É a santidade do apóstolo que é importante”.

2 – Encarnar-se como Jesus, o Bem amado (Fl 2,6-10) “Tende em vós os mesmos sentimentos de Jesus, o qual...” 1Cor 9,19-23 – “...eu me fiz servo de todos para ganhar o maior número possível. Para os judeus fiz-me judeu...fiz-me fraco com os fracos para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos a fim de salvar a todos.” Como o Bem-Amado modelo único e como eles”.

3 - Silenciosamente: “Gritar o Evangelho com a vida”, como Jesus em Nazaré. “O cristão sabe quando é hora de falar de Deus e quando é hora de calar e deixar falar somente o amor” (Bento XVI - Deus é amor 31).

No retiro para o diaconato em 23.03.1901, escreve: *”O que quer Deus que eu faça? Aquilo em que há maior amor. O amor maior e na sua mais perfeita imitação. A mais perfeita imitação é imitar perfeitamente Jesus, num ou outro estilo de vida que ele viveu: pregação, deserto, Nazaré. Certamente eu não sou chamado à pregação, porque minh’alma é incapaz para o deserto, pois meu corpo não pode viver sem comer, então sou chamado para a vida de Nazaré (disto a minha alma e o meu corpo são capazes e eu me sinto atraído)”*.

Durante o retiro em novembro de 1897 se pergunta: *“É necessário considerar indispensável morar em Nazaré? Não, não mais que o resto. Não*

buscar outra coisa que a vontade de Deus, Deus só...Sou certo de que é uma grande graça morar em Nazaré, mas logo que isto deixasse de ser a vontade de Deus, preciso ignorar totalmente, sem olhar para trás, aonde e para qualquer coisa que a sua vontade me chama”.

“A tua vida de Nazaré pode ser vivida em todo lugar; vive-a no lugar mais útil para o próximo” (22.05.1905 – CT p 47).

4 – *Tornar-se um “irmão universal”. “Quero habituar todos os moradores cristãos, muçulmanos, hebreus, pagãos e considerar-me como seu irmão, o irmão universal. Eles começam a chamar a casa. HIWÁ - “A fraternidade” e isto me é doce. (À senhora de Bondy, 07.01.1902).*

“Falar muito com eles, ser amigos de todos, bons e maus ser o irmão universal (08.06.1904 ao Pe. Guérin na primeira viagem ao Hagar). Como irmão universal ocupar, não o primeiro lugar, mas o último”. Busquemos o último lugar, e não somente para nós, mas também para todos que nos cercam; pais, amigos, companheiros” (S.E.E.).

Tamaurasset 01.12.1916 – *Dia da Morte. “Não se deve nunca ter medo de pedir os lugares onde o perigo, o sacrifício, a abnegação sejam maiores; as honras, deixemos para quem as quiserem, mas o perigo, o sofrimento, peçamos sempre. Cristãos devemos dar exemplo de sacrifício e abnegação. É um princípio ao qual temos que ser fiéis durante toda a vida, com simplicidade, sem perguntar-nos se neste comportamento não haja um pouco de orgulho: é o dever, façamo-lo. Peçamos ao Bem-Amado esposo da nossa alma de fazê-lo com humildade, e com pleno amor a Deus e ao próximo”.*

5 – *Como pobre, no meio dos pobres, e com meios pobres.*

Como pobre - “Ó meu Senhor Jesus, como se tornará rapidamente pobre aquele que, amando-te com todo o seu coração não poderá suportar de ser mais rico do que o seu Bem amado” (Retiro em Nazaré 1897).

No meio dos pobres - “Não cessemos nunca de ser completamente pobres, irmãos dos pobres, companheiros dos pobres. Sejamos os mais pobres dos pobres. Como Jesus, e como ele amemos os pobres e cerquem-nos deles” (MSE 263).

Com meios pobres - “É com a cruz que Jesus salvou o mundo; é com a cruz deixando Jesus viver em nós e completar em nós, com nossos sofrimentos, o que falta a sua paixão que devemos continuar até o fim dos tempos a obra de redenção” (regulamento dos pequenos irmãos 1901 – 23).